



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS
CAMPUS GURUPI
COORDENAÇÃO DE CURSOS SUPERIORES

CLAUDENIRA FERREIRA DE ALMEIDA

**CORPO, NEGRITUDE E MOVIMENTO: um estudo das relações de gênero, raça
e Dança no IFTO Gurupi**

Gurupi
2017

CLAUDENIRA FERREIRA DE ALMEIDA

**CORPO, NEGRITUDE E MOVIMENTO: um estudo das relações de gênero, raça
e Dança no IFTO Gurupi**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Artes Cênicas do Instituto Federal de
Ciência, Educação e Tecnologia do
Tocantins, para obtenção do título de
licenciado em artes cênicas.

Orientação: Prof. Me. Paulo Reis Nunes.

Gurupi
2017

Almeida, Claudenira Ferreira

CORPO, NEGRITUDE E MOVIMENTO: um estudo das relações de gênero, raça e dança no IFTO Gurupi/ Claudenira Ferreira de Almeida. – Gurupi - TO, 2017.

42 f.

Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, *Campus* Gurupi - TO, 2017.

Orientadora: Professora Me. Paulo Reis Nunes.

1. Corpo. 2. Dança. 3. Gênero. 4. Negro. 5. I Título

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profº. Me. Paulo Reis Nunes (Presidente)

Profª. Ma. Eloísa Marques Rosa

Profª. Ma. Anne Raelly Figueiredo

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus filhos: Yasmim Vitoria de Almeida Viana e José Mauricio Almeida Viana;

À minha mãe, Francisca da Conceição Ferreira de Almeida;

À todas as mulheres negras que lutam para superar o preconceito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter colocado em minha vida, pessoas que facilitaram ou dificultaram momentos, que felizmente me levaram ao término desta graduação. Não se esquecendo das pessoas que foram e são muito especiais e tiveram participação neste processo:

Ao meu professor e orientador Paulo Reis Nunes por acreditar em mim, me fazer descobrir meu valor como pessoa; por compartilhar momentos e investigar caminhos na dança; por me incentivar e fazer acreditar em meu potencial.

À meu esposo, Mauricio Gomes Viana, pela parceria e por caminhar junto;

À minha querida mãe Francisca da conceição Ferreira de Almeida, à quem devo tudo que sou.

O meu querido pai José Messias de Almeida Filho, que me fez descobrir a coragem de seguir em frente.

Às queridas irmãs: Clarice de Almeida e Cláudia Aparecida de Almeida pelo apoio e incentivo;

À professora Eloisa Marques Rosa por me ensinar os primeiros passos na dança; por apoiar e me incentivar em muitos momentos de dificuldade;

Ao professor André S. Moura pelos diálogos e pelas críticas construtivas;

Aos colegas e professores do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID) do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Tocantins;

À minhas amigas que integram o grupo de pesquisa em dança DaSilva: Layane Alves Ferreira e Josilene Rodrigues da Silva, pelo companheirismo e perseverança em manter o grupo forte e unido.

Ao Roberto P. Silva pela poesia e sinceridade nas palavras;

A todos que fizeram parte da minha trajetória até aqui, contribuindo para que este trabalho fosse concretizado.

*"Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo...
Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou...
Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma..."*
Fernando Pessoa

RESUMO

O presente trabalho trata da minha história de vida e minha trajetória no Instituto federal de ciências e tecnologia –IFTO no curso de licenciatura em Artes cênicas, onde passei por diversas e enriquecedoras vivências e experiências, dentre elas a descoberta da minha identidade, o processo de “empoderamento” que obtive através dos grupos pelo qual passei e vivenciei, sendo de extrema importância para o meu encontrar por ser mulher negra, mãe, futura docente, esposa, quais as situações que tive que passar para me tornar mais forte, as desesperanças, as esperanças, e as pessoas que se fizeram presentes em minha vida, as descobertas de potencialidades, as oficinas, os momentos nos palcos, como tudo isso se deu, de forma que hoje posso afirmar que foi todas estas situações que me trouxeram até aqui, com esta força que tenho hoje para finalizar o curso e seguir em frente.

Palavras-Chave: Corpo, Dança, Gênero, Negro, Poder.

ABSTRACT

The present work deals with my life history and my career at the Federal Institute of Science and Technology – IFTO in the undergraduate course in Performing Arts, where I went through various enriching experiences and experiences, among them the discovery of my identity, the process of "Empowerment" that I got through the groups that I went through and experienced, being of extreme importance to my finding the black woman, mother, future teacher, wife, what situations I had to go through to become stronger, despair, the hopes and the people who were present in my life, the discoveries of potentialities, the workshops, the moments on the stage, how it all happened, so that today I can say that it was all these situations that brought me here, with this strength I have today to finish the course and move on.

Key-words: Body, Dance, Gender, Black, Power.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - Ensaios com a professora Eloísa Rosa.....	23
Imagem 02 - coreografia “Pedro da Silva”	24
Imagem 03 : apresentação no fórum Mundial de Educação Profissional e tecnológica.....	25
Imagem 04 : “Coreografia Para não dançar”	27
Imagem 05 : após apresentação de “coreografia para não dançar”	28

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
1. (RE) CONHECENDO-SE NEGRA: AS EXPECTATIVAS SOCIAIS DE RAÇA, GÊNERO E ARTÍSTICA ATÉ A CHEGADA AO IFTO.....	13
1.1 “Não se nasce negra, torna-se negra”.....	13
1.2 Uma adolescência negra: arte, família e trabalho.....	17
1.3 Reconhecer-se negra: as relações de trabalho e gênero.....	20
2. GRUPOS DE PESQUISAS: DESCOBERTAS DE GÊNERO E UM CORPO NEGRO EXPLORADO E LAPIDADO.....	22
2.1 “DASILVA”: cozinha para os palcos da vida.....	23
2.2 PIBID: um leque de possibilidades na iniciação à docência.....	29
3. O TEATRO COMO LIBERTAÇÃO DAS AMARRAS E DAS COURAÇAS.....	33
3.1 A personagem Rainha: da humilhação a exaltação.....	36
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem uma vida inteira de experiências, intensas vivências, pesquisas, estudos dentro e fora da academia, como a exemplo, nas inserções dos meus mais profundos sentimentos e acontecimentos no decorrer do meu processo de formação como pessoa, mulher, minha negritude, mãe, atriz e as dificuldades que encontraria neste caminho de autolibertação do meu ser, das amarras que foram se concebendo na minha infância e adolescência e já na vida adulta foi que consegui entender que eu tinha e tenho um espaço no mundo, e preciso ocupá-lo.

A relevância deste trabalho se afina com a atualidade universal da temática em um mundo no qual crimes de racismo ainda são praticados no cotidiano e onde os aspectos da discriminação racial e os aspectos da discriminação de gênero não foram totalmente apreendidos nos discursos pelos direitos humanos.

O principal estímulo a pesquisa do meu universo pessoal, foi saber que existem possibilidades de outras pessoas passarem pelos dilemas que eu passei para chegar até aqui, que será possível ir além.

Podendo também, contribuir para a educação, pois tratamos durante todo o trabalho das relações étnico raciais no contexto familiar e escolar. Além disso, a importância de tratar dessas temáticas na escola e no meio acadêmico, como forma de contribuir para a reflexão em direção ao combate ao racismo é de grande relevância.

O primeiro capítulo contextualiza a minha trajetória para assumir e me descobrir negra, passando pela fase da descoberta, dos preconceitos sofridos quando criança na escola, da violência doméstica no âmbito familiar, que distintivamente são ligadas por um elo em comum.

A segunda parte, retrata o ingresso nos grupos de pesquisa, vivências, experiências relatadas e vividas dentro de cada um deles, a importância do grupo experimental de dança “DaSilva” no meu empoderamento como mulher negra, atriz e dançarina, assim como o PIBID na minha formação como docente nas escolas públicas do município, tendo uma experiência e vivência adquirida antes da formação na academia.

O terceiro e último capítulo é o que me alicerçou nesta trajetória, trazendo para reflexão, importantes contribuições do teatro para minha história, o ingresso na Instituição, os desafios encontrados e oportunizados pela graduação.

1. (RE) CONHECENDO-SE NEGRA: AS EXPECTATIVAS SOCIAIS DE RAÇA, GÊNERO E ARTÍSTICA ATÉ A CHEGADA AO IFTO

1.1 “Não se nasce negra, torna-se negra! ”

Parafraseando a polêmica frase de Simone Beauvoir (1970) “não se nasce mulher, torna-se mulher”, início este capítulo apresentando que não se nasce negra, torna-se negra. A palavra “negra” traz consigo duas fortes questões em minha vida que socialmente são fortemente violentadas: ser mulher e pertencer a uma raça partindo sempre de um conceito social que tem seu valor e muitas vezes violada nos seus direitos.

Quando digo exclusiva é devido à desde muito cedo sermos tachados como sujos, fedidos, feios, entre outros dizeres carregados de preconceitos, e quando mais crescidos a raça que só serve e trabalha, mas somos sim... A classe trabalhadora, sim... Servimos, mas queremos ir mais além. Precisamos de oportunidades, empregos dignos, sem exploração, sem ofensas por ser negros, por a pele ser negra e pelo cabelo crespo e não estar dentro dos padrões que a sociedade idealiza no contexto atual.

Assim, posso refletir que para, que eu me tornasse negra foi preciso passar por todos estes contratempos, para ficar forte e entender que eu precisava me impor, não aceitar tudo, não admitir ofensas, dentre outros, posicionamentos que precisavam ser postos em vários momentos.

Nasci e passei parte da minha infância em um sítio localizado no Distrito de Vila Nilza, município de Iporã, região noroeste do Estado do Paraná. Filha de pai negro, e mãe branca, passavam muitas dificuldades, sendo a principal, a escassez de alimento. Já que éramos muito pobres, faltava no almoço e não tinha nada no jantar. Infelizmente a fome ainda é uma realidade avassaladora na vida da maioria da população carente, muitas vezes, sendo subsidiada por doações e ajuda comunitária.

Outra dificuldade de nossa realidade na infância era violência doméstica, pois observei, com muita frequência, agressões físicas no contexto familiar sofridas por minha mãe, mas que devido sempre estar se ocupando, seja brincando com as duas

irmãs, tomando banho de rio, ou então brincando com a colega do sítio vizinho ao seu, não percebia a proporção da agressão que ocorria naquela casa.

Consigo refletir que a violência contra a mulher ainda está presente em muitas regiões do país onde se impera o machismo e a falta de oportunidade de escolarização de seus pares. Percebe-se, que não é apenas a falta de estudos que fortalece esta cultura de violência, mas a falta de condições para uma vida melhor, o que corrobora para apenas a constituição da família e o trabalho para a sobrevivência da mesma.

Aos poucos, a violência doméstica foi ficando ainda mais explícita, onde as agressões também se dirigiam às filhas, até que minha mãe resolveu fugir e isso foi a porta para nossa libertação temporária, já que com uma semana, diante das fortes pressões e ameaças minha pobre mãe voltara para casa. Percebe-se que muitas vezes, as mulheres querem mudar sua realidade social, mas quando se separam dos maridos, sentem-se, apesar de toda violência acometida, certa proteção por pensar na sobrevivência de seus filhos.

Além deste obstáculo, havia o momento de ir para a escola que era tenso e preocupante por três motivos: Inicialmente pelo trajeto de casa até a escola ser arriscado e perigoso, pois eu tinha medo de passar em um “trieiro”¹ em meio a tantas vacas da raça Nelore e muito bravas, que ocasionalmente atacavam as pessoas que ali transitavam. Devido ao grande fluxo latifundiários na região e pecuaristas o fluxo de animais era bastante grande e isso nos amedrontava, pois eram animais agressivos, mas os pais não viam isso como problema e mandavam seus filhos para a escola, e com a grande quantidade de serviço na lavoura não davam muita importância para as queixas das crianças.

Era uma espécie de “criar coragem” naturalmente, sem que estes precisassem interferir. O fato de irmos sozinhos para a escola nos encorajava, de certa maneira, pois era uma forma de superar o próprio medo, que nos era confiado que iríamos e voltaríamos da escola sozinhos, e penso que com estas superações, estávamos inconscientemente encontrando uma identidade de mulheres fortes.

O segundo motivo, por saber que na escola seria mais um dia de deboches e chacotas, seja pela cor de pele negra, pelo cabelo crespo que era chamado preconceituosamente de “pixaim”. Por vários motivos não tinha animo de ir para a

¹ Espécie de estrada estreita no meio da pastagem.

escola, mas a força para vencer dentro de mim era mais forte do que todo e qualquer preconceito que eu sofria ou viesse a sofrer.

E o último motivo e pior de todos era que, por morar na roça, as condições financeiras que já não eram favoráveis tornavam-se humilhantes por ter que improvisar minha mochila que, na verdade, era em um saco de arroz. Neste saco, eu levava meu caderno e lápis, mas já percebia a diferença das mochilas dos demais colegas, o que me deixava muito envergonhada.

No entanto, erguia a cabeça e seguia mesmo com o coração apertado, a vergonha era pelas condições sociais e pelas palavras de ódio que ouvia dos colegas e isso na minha idade, por volta dos 12 anos, era muito impactante, sonhava desde cedo com uma vida e um lugar diferente daquele em que vivia. Segundo Abdias do Nascimento (1978, pag. 122): “Não percebem que os negros brasileiros não necessitam permissão dos brancos para exercer seu inalienável - e intransferível - direito/obrigação de não só protestar, mas de lutar contra todas as formas e disfarces do racismo. ”

Por ser negra eu até que não sofria tanto neste momento, pois eu não tinha vergonha da minha cor porque tinham alguns colegas na escola também eram, então eu tentava não me importar com aqueles que insistiam em me atacar, embora não compreendesse o motivo que falavam com tanta raiva no olhar, naquela idade não tinha a percepção que tenho hoje.

A intolerância é um mal perverso que está escondido debaixo da carapuça de pessoas que muitas vezes estão perto de nós, mas a verdade é que não toleram sua cor, seu cabelo, acham que podem te moldar de alguma forma, com comentários racistas e degradantes. O indivíduo que sofre estas agressões tem uma forte lesão na sua alma, que remédio nenhum apaga, podemos transparecer superado, mas a marca fica, como uma tatuagem. Neuza Souza (1983, p. 02) afirma que: “Ser negro é ser violentado de forma constante, continua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais do Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro”.

As crianças que moravam no sítio na época sofriam muito, na verdade todas as crianças que tinham alguma diferença como: não morar no vilarejo, morar na roça, ser negra, ser baixinho, ser alto demais, tudo era motivo de desprezo e

zombaria por parte de uma maioria que se auto consideravam “brancos”. Sempre que eu era chamada de “roceira” me incomodava também, mas não tinha como fugir, não tinha onde me afugentar, pois estes tipos de constrangimentos não aconteciam somente comigo e quando reclamava com a diretora, nada acontecia com as agressões, então decidi que sofreria calada.

Segundo Marcel Mauss (1979), os sentimentos e as expressões são construções sociais que muitas vezes são apenas repetidas e “ensinadas”, estabelecidas pelas relações sociais, psicológicas e fisiológicas. Mauss (1979, p. 147) afirma que: Toda uma série de expressões orais de sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não espontâneas e da mais perfeita obrigação.

Muitas vezes em minha infância tive que ser uma criança silenciosa, sem muitos amigos, que ao bater o sino não tinha muito prazer em sair da sala de aula, pois já sabia o que me esperava: pessoas prontas para me atacar de alguma forma.

Percebi que, então as crianças vitimadas por estas atitudes erradas de alguns, brincavam e ficavam sempre juntas, e de alguma forma se fortaleciam ali como um grupo que mesmo vitimado, se unindo para se protegerem de olhares agressores que sem motivo algum vinham nos chutar, pelo simples e falso pensamento que éramos inferiores a eles.

O problema reside no fato de que na atualidade, inclusive as crianças e aos jovens não é dado o direito de escolha nas suas construções identitárias. Vivemos numa sociedade repleta de normas e padrões envelhecidos, que resistem com força a quaisquer ares de renovação e/ou mudança e que, na ampla maioria das vezes, determina futuros a partir de referências externas aos sujeitos e que a eles são impostas. (GONÇALVES, pag.40)

Assim como o autor afirma, se as secretarias de educação do município, fossem mais atuantes nas questões de “*buylling*” dentro do âmbito escolar, teríamos em quem apoiar no sentido de defesa e menos opressão, como era a realidade da época. Aachamos que a prática do *bullying* é nova, mas é tão antiga e repressora, envolvendo o assédio moral e psicológico dos envolvidos. Segundo Richard Miskolci (2013, p. 41): Alguns imaginam se tratar de um fenômeno novo, mas, no fundo, o

assédio moral sempre fez parte do processo educacional. O *bullying* não foi inventado nos últimos anos, o que mudou foi nossa sensibilidade com relação às formas de violência que ele expressa.

Percebe-se que tais marcas fazem parte de nosso processo de aprendizagem não formal na escola, onde as relações sociais deixam marcas para as pessoas que são colocadas em lugar de diferente do que o padrão de vida social exige.

1.2. Uma adolescência negra: arte, família e trabalho.

Na escola, havia um dia que era especial, quinta feira era o dia da aula de dança pelo esporte solidário². Um dia que eu poderia me expressar sem censura e com todo meu fervor, penso que a dança me libertou para a vida, me preparou para encarar obstáculos que viriam em meu futuro, em diferentes momentos que ela me fortaleceu e me tornou forte.

Nesta fase que de fato fui me encontrando e ao mesmo tempo, perdendo algumas essências (ingenuidade, decadência da autoestima) devido à forte influência que sofria, sem ter representações que pudesse me inspirar e me fortalecer como negra.

Apesar de tudo, foi também nesta fase que me senti muito útil, conseguia me destacar como uma dançarina de respeito através da minha dança, que me fazia um bem imensurável, pois ele acolhia crianças que ficavam ociosas na rua, levavam as diferentes modalidades que eram ofertadas de forma gratuita, e assim diminuía drasticamente a violência e demais fatos, que colocavam estas crianças em muitos momentos em situação de risco.

O projeto ofertava várias oficinas de dança, esporte, capoeira, caratê, e a partir deste projeto quando comecei a fazer dança percebi que tinha uma certa facilidade em pegar as coreografias e assim fui tendo meus primeiros contatos com a dança e a arte, e assim me destacava entre os alunos, e meus pais apoiavam a mim e minhas irmãs a permanência na escola já que trabalhavam durante todo o dia, então nos matricularam em todas as modalidades e eu adorava estar ali. Assim, a dança me fortaleceu nesta fase, pois nela eu me refugiava e, dava sempre o melhor de mim, contribuindo para a minha formação humanística. Isabel Marques (1997, p. 23) vem afirmar que: O corpo em movimento, portanto, assume papel

² Esporte solidário era um projeto do governo do estado do Paraná.

fundamental hoje em dia, e a dança enquanto forma de conhecimento torna-se praticamente indispensável para vivermos presentes, críticos e participantes em sociedade.

Nas aulas de capoeira, eu era a única menina e negra. Essa representatividade incomodava os meninos e então eu sofria uma forte pressão dos meninos para sair e acabei desistindo. Isso me faz refletir que para que uma pessoa se sentisse representada, é necessário incentivo e apoio de nossos pares. Muitas vezes o professor não sabe lidar com situações conflituosas e, por tentar se posicionar de forma neutra em situações como essa, nos desmotiva a alcançar nossos objetivos até mesmo dentro das artes.

As fases da vida vão chegando e comecei a perceber que só a escola já não é mais tão interessante, as pessoas começam a ter papel importante na nossa vida, os pais são percebidos de forma diferente, quando apoiam quando discordam.

Vários sentimentos reverberam nesta fase, geralmente uma relação de amor e ódio, pois por mais que tenha crescido e naquele momento fosse uma adolescência sempre vinham pensamentos e sentimentos de um tempo que tinha se passado, mas deixando marcas irreparáveis em mim, no meu caráter e que certamente levaria por toda a minha vida.

Como as agressões e as surras eram constantes, por conta da agressividade do meu pai, minha mãe e irmãs sofriam com as manipulações e gritos. Com isso, vinha em mim uma vontade de mudar aquela situação, mas não podia competir com meu pai. Então a solução foi sair de casa, pois já não conseguia mais viver naquela situação de constantes agressões que entre verbais e físicas deixavam as quatro mulheres daquela casa presas no silêncio e na opressão de todo dia, decidida a mudar de realidade, tive que ir embora daquele lugar, sabendo que:

O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? Que caminhos que lhes são abertos? Quais conduzem a um beco sem saída? Como encontrar a independência, no berço da dependência? Que circunstâncias restringem a liberdade da mulher, e quais pode ela superar? São estas algumas questões fundamentais que desejaríamos elucidar. Isso quer dizer que, interessando-

nos pelas oportunidades dos indivíduos, não as definiremos em termos de felicidade e sim em termos de liberdade (BEAUVOIR, .1970, p.23)

Quando cheguei ao Estado Mato Grosso em Dezembro de 2002, é como se tivesse sido liberta de muitas correntes como agressões físicas e psicológicas sofridas dentro da minha casa. Pois meu pai sempre foi muito severo e só conseguia resolver os problemas na “porrada” que na maioria das vezes eram nas suas três filhas, então a relação era insustentável, nunca sabíamos qual seria a surpresa da noite, mas a última foi o limite, quando percebi a situação que eu me encontrava, com uma faca sendo esfregada em meu peito, foi a “gota d’água”, resolvi que não tinha mais espaço naquela casa em minha vida.

E assim, já em outro Estado com uma família que tinha responsabilidade sobre mim, que ditava as regras e que controlava cada passo que eu dava, mesmo gostando desta “tal liberdade”, eu mesmo assim não estava feliz, nem eu mesma sabia o porquê, pois, as coisas tinham melhorado, mas a angústia por dias melhores ainda me rondava, certamente porque precisava encontrar alguém que me oportunizasse mostrar minhas habilidades de fato como o autor explica abaixo:

Mais do que meramente sair de casa, o jovem busca um espaço próprio onde possa exercitar sua autonomia, mas com alguma segurança necessária à construção da própria identidade. Como adultos devemos perceber essas tentativas e facilita-las, de modo a contribuir para a formação identitária juvenil. (GONÇALVES, pag.42)

Eu sentia que eu tinha respeito das pessoas que me cercavam, os meus patrões me respeitavam, mas algo estava errado, pois eu nunca recebia a remuneração combinada dignamente.

Como uma criança pobre que fui, tinha vontades e desejos de comer alimentos simples como iogurtes e biscoitos, mas que não tinha tido na infância, então como meus patrões tinham um supermercado eu saciava todas minhas vontades de tudo que um dia tive vontade de comer, mas assim quando ia receber no final do mês, eu nunca tinha dinheiro, pois tudo que eu consumia era descontado do meu salário, e isto foi me deixando sem muita vontade permanecer naquela situação.

Sentia-me numa relação análoga à escravidão, não pela parte de agressões, mas pela parte de trabalhar muito e não ganhar quase nada, pois eu acordava às 5:00 e ia me deitar às 23:30, pois estudava à noite que era o único horário que eu tinha para mim de fato e quando chegava da escola ainda ia limpar o mercadinho e isso me sugava muito.

Assim, conseqüentemente não tinha muito aproveitamento na escola e pouca perspectiva de vida, pois naquele momento eu só tinha mesmo a intenção de terminar os estudos do ensino médio, mas sem saber o que fazer depois. Outro fator degradante era a falta de amizades na escola e a solidão em não poder contar com ajuda de ninguém. A pouca iluminação da escola e da sala de aula colaborava para que eu me entristecesse e desmotivasse com o meu futuro, pois sabia que não tive bom aproveitamento.

Porém, sempre tive a convicção que não queria nunca parar de estudar, entretanto tinha para sobreviver, tive que permanecer naquela condição, para ao menos conseguir terminar naquele lugar o contrato de trabalho que tivera iniciado.

1.3 Reconhecer-se negra: as relações de trabalho e gênero

O tempo foi passando, a minha vida continuava a mesma, até que um dia um moço me disse: “Você está sendo escravizada, você não percebe?”. O pior é que eu percebia, mas não podia voltar para o lugar de onde tinha vindo, pois era ainda mais cruel do que onde eu estava naquele momento.

Então eu suportava, pois acreditava que podia melhorar em algum momento, e assim fizemos amizade. Depois, um romance. E assim, uma gravidez. Tornei-me mãe aos 17 anos e o mundo parecia desabar na cabeça. Fomos superando e conseguindo sobreviver e passar por várias diversidades juntos e esta pessoa me fez amadurecer.

Assim, me tornei mulher e consegui ser forte, independente do que enfrentei, não foi fácil chegar até aqui, não foi fácil dizer que eu voltaria a estudar que eu não queria ser só mãe, dona de casa, esposa, pois eu precisava de mais de ir além.

Além de mãe e também uma mulher negra, que hoje é dançarina, atriz e professora, que luta diariamente por um espaço, pelo meu espaço. As dificuldades

são grandes, os filhos, o marido, a academia, e a profissional, muitas vezes se chocam nas suas funções e atribuições de cada papel a desempenhar.

Este trabalho de conclusão de curso é a minha história de vida que se cruza com relações de gênero e raça, que através da arte, conseguiu superação. A grande pesquisa foi a da minha descoberta como um ser que enfrentou muitos preconceitos até a chegada em um curso superior, e que no caminho assim como muitas pessoas, as pessoas que estão no grupo das minorias sociais, perante a sociedade, negros, indígenas, LGBT'S, dentre outros.

Além de ter chegado (o que não basta), estar finalizando com honra e dignidade de ser reconhecida como profissional, e o quão importante o meio em que se está inserido é fundamental neste processo, de como conseguimos dar início em uma graduação e não ficar pelo caminho desistindo.

A vontade de desistir era imensa quando me deparei com alguns percalços como a ineficácia do transporte público da cidade de Gurupi, pois o ônibus que não passa no horário e limitação do mesmo em não atender o trajeto completo após as 18:00; a distância entre residência e instituição que é grande e desanima; o outro universo de leitura e escrita acadêmica que não foi conquistada no ensino médio; a falta de internet em casa e acessibilidade à mesma na cidade; complexos fichamentos e resenhas e outros trabalhos desenvolvidos dentro da academia que as vezes achamos que não conseguiremos decifrar, mas é tudo isso junto que nos faz sermos vitoriosos de ter chegado até aqui.

Como nossa comunidade negra se vê neste mundo acadêmico, quantos assumem suas origens, quantos se libertam a partir deste ingresso e este processo de mudança interior, pois como ressalta GONÇALVES (2005, p. 42) “[...] as respostas que aprendemos e criamos para resolver as questões apresentadas pela experiência vital, hoje tão complexificada num mundo de muitos matizes e intolerância”.

Durante a escrita deste trabalho pude perceber a quanto transformada estou, como é importante que as pessoas leiam e percebam como foi este processo de libertação de amarras em minha vida. Prestes a concluir uma formação superior, e tendo passado por várias experiências dentro da academia, com grupo de dança “Da Silva” fundado pela Professora Eloisa Rosa, as experiências vividas em sala de

aula, o que fortaleceu ainda mais o meu processo de “empoderamento”³ a partir de aulas, de liberdade de criação dentre outros caminhos a mim ofertados.

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetidas em exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (SOUSA, 1985, p. 17)

A partir da entrada no Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Tocantins, a vida deu outro sentido, logo adentrei aos grupos que enriqueceram o meu caminho neste, que seria bem extenso devido as dificuldades em dividir as tarefas de ser mãe, dona de casa, operadora de caixa em um supermercado da cidade, e esposa. Realmente o estudo era por muita força interior que não sei donde vinha, pois com tantos afazeres, e o último que conseguia era estudar.

2. GRUPOS DE PESQUISAS: DESCOBERTAS DE GÊNERO E UM CORPO NEGRO EXPLORADO E LAPIDADO.

Diversas práticas no decorrer destes seis anos, foram libertadoras nesta formação em nível superior. Vivenciar as diferentes aulas com diversas metodologias de diferentes professores são importantes causadores de mudança interna de um indivíduo.

Quando estamos no início dos encontros tudo é diferente, a socialização, o contato físico e verbal com pessoas que não conhecia, mas todo o processo é único, que reverbera diferentes sentidos e sentimentos.

Dentre os grupos e programas que participei dentro do IFTO, posso destacar que o grupo “Da Silva” e o PIBID, foram os mais relevantes no sentido de objetivos alcançados, experiências oportunizadas a mim, e que em vários momentos pude

³ A palavra “empoderamento”, é uma tradução do termo original em inglês “empowerment” e é considerado um neologismo - criação de uma palavra nova, a partir de outras já existentes, seja na mesma língua ou não. Sua criação é atribuída ao educador brasileiro Paulo Freire - segundo o próprio Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

Ela representa o ato ou ação de empoderar-se, ou seja, de conquistar o poder, consciência social e conhecimento e, com isso, realizar transformações individuais ou de um certo grupo social.

Fonte: Delas - iG @ <http://delas.ig.com.br/comportamento/2016-12-24/empoderamento-dicionario.html>

expressar os meus anseios, as minhas vontades, e trocar diálogos sobre como fazer, como gostaria que fosse feito, e isto nos torna parte de um processo de ensino e aprendizagem que pouco fizeram parte de minha formação escolar. O diálogo entre o professor e aluno, nos faz sentir mais valorosos, mais ouvidos, e com isso, nossa contextualização fica mais evidente na mediação do conhecimento.

2.1 “DASILVA”: da cozinha para os palcos da vida.

Quando fui convidada a participar do grupo de dança “Da Silva” foi uma honra, foi muito emocionante, foram alguns dias de espera entre o convite e a primeira aula que para mim era um sonho. Como era esperado este momento, pois nunca teria me sentido importante e como era especial este convite, pois reafirmava minhas ideias que eu teria potencial para ser explorado, bastaria alguém me enxergar, assim como a professora Eloisa me enxergou naquele dado momento.

Quando se pensa em bailarina é fato que não nos vem à mente uma personalidade negra dançante. Quando pensamos danças tradicionais ou danças afro, aí sim nos apetece acreditar que sejam representadas, em boa parte, por dançarinas negras. (CAMARGO,2015, pag.165)

O mesmo sentimento que reverberava em mim, acontecia com algumas colegas que faziam parte do grupo, mas ainda no final do ano que se findava o semestre, tivemos uma perda muito sentida por todos, perdemos uma moça muito querida que também era negra, e eu senti muito esta perda pois ela nesta época já estava liberta, Luana da Silva. Era bela, com cabelos crespos, e cheia de sorriso e amor em sua face, mas uma parada cardíaca lhe arrancou de nós, então começamos no grupo já com uma certa tristeza, pois ela também faria parte, mas continuamos a nossa caminhada com dor pela perda, mas com a necessidade de fazermos acontecer também por ela, pelos seus sonhos que queria conquistar, pelo se empoderamento tão aflorado e reverberado em muitas outras negras.

Segundo a professora Eloísa Marques Rosa, o grupo “Da Silva” iniciou-se a partir de um projeto de extensão chamado *Calango* (2010-2011) onde havia aulas de dança para alunos e comunidade dentro do Instituto Federal do Tocantins Campus

Gurupi, visando promover a inserção da mulher no meio social por meio da dança e suas expressões.



Fonte: arquivos pessoais

Imagem 01: ensaios com a professora Eloísa Rosa

A evolução deste projeto deu existência ao grupo “da Silva”. O nome “da Silva” é o sobrenome dado – em alguns orfanatos brasileiros – aos órfãos que não tem registro civil. São os cidadãos de ninguém. A partir desse sobrenome surgiu o projeto de extensão, que desde o início do ano de 2012 veio trabalhando matrizes de pesquisa coreográfica no universo lúdico de crianças órfãs.



Fonte: arquivos pessoais

Imagem 02: coreografia “Pedro da Silva”

A valorização da mulher através dos espetáculos, oficinas e debates visava conscientizar mulheres a respeito do seu valor como cidadã, do seu papel na sociedade, do conhecimento do seu corpo das suas habilidades e suas limitações perante a arte e uma considerável melhoria das relações familiares e sociais, promovendo o resgate da identidade feminina na sociedade quanto a sua valorização, e conquista da sua cidadania que antes era tão subjugada perante os seus.

Resgatando assim a autoestima de mulheres que perderam o prazer de viver, com a perspectiva de vida e visão de futuro através do trabalho corporal desenvolvido nas oficinas e mostras de vídeos promovendo debates para que as mulheres pudessem indagar, questionar, propor e fazer com que falem abertamente sobre o feminismo e assim se sentissem valorizadas e com a autoestima mais elevada. Promovendo e incentivando a autoconfiança, o endurecimento contra os males da nossa sociedade contemporânea, o preconceito racial, intolerância de gêneros, dentre outra problemáticas inseridas na sociedade.



Fonte: arquivos pessoais

Imagem 03: apresentação no fórum Mundial de Educação Profissional e tecnológica.

Ainda como um projeto de extensão, a pesquisa foi inserida como proposta metodológica de uma educação social gerando artigos científicos publicados em Simpósio de Educação, e duas coreografias *Luana da Silva (2012)* e *Pedro da Silva (2013)*.

O projeto “da Silva” acontecia dentro do Instituto Federal do Tocantins Campus Gurupi que realizava uma hibridização do ensino, pesquisa e extensão de dança no seu aspecto humano, artístico e social propondo a conscientização do estudante, das habilidades possíveis a se desenvolver e a aplicação destas habilidades à sociedade. Capacitar os estudantes na produção, criação e difusão de dança contemporânea para que se tornassem autônomos no processo de formação e dessem continuidade ao trabalho.

Mesmo com muitos desafios o grupo sempre esteve ativo em suas atividades práticas e teóricas, na produção de artigos assim como na JICE/2016.

No livro *Ensino da dança hoje: textos e contextos*, de Isabel Marques (2006) é discutida a formação do estudante a partir de conteúdos individuais, culturais e sociais, contribuindo assim, para uma educação social. A autora trata de uma ação

educativa em tríade e no projeto “Da Silva” cria-se um paralelo entre essas ações educativas e o Ensino, Pesquisa e Extensão.

A coreografia *Luana da Silva* trazia o universo de uma menina que carrega seus sonhos consigo e multiplica-os perante os outros. Uma coreografia que mistura a alegria e entusiasmo das crianças com uma singela melancolia do envelhecer. A obra refletia a permanência dos sonhos. Com apresentações no Instituto Federal do Tocantins Campus Gurupi, SESC-TO e Fórum Mundial de Educação Básica e Tecnológica em Florianópolis em junho de 2012.

Pedro da Silva foi concebida e coreografada pela professora Eloísa Marques Rosa partindo do universo feminino em uma situação comum para propor se pensar o conflito de gêneros. Propõe-se um grito feminino de sensibilização. A proposta estabelece uma relação direta com experiências femininas no estado do Tocantins que ainda possuía um pensamento machista e sexista.

O Grupo “Da Silva” tinha uma proposta de desenvolvimento dança contemporânea com estudantes e comunidade de Gurupi, Tocantins, visando a valorização e autoestima das mulheres quebrando os preconceitos existentes em nossa comunidade. Há dois anos com dois trabalhos desenvolvidos o grupo que nega sobrenomes em um estado coronelista estando desenvolvendo uma possível linguagem de criação em dança.

Este trabalho de composição coreográfica através de improvisações trazia aspectos corporais e cênicos dos encontros realizados anteriormente. Uma proposta de valorização dos relacionamentos, sentimentos e sensibilidade humana. Assim Isabel Marques (1997, pag.23) afirma que:

Através de nossos corpos aprendemos sublinhar e inconscientemente (caso não tenhamos aprendido a ter uma postura crítica diante da vida) que somos, o que querem de nós, por que estamos neste mundo e como devemos nos comportar diante das suas demandas. Conceito de regras sobre gênero, raça, etnia, classe social, etc.

O grupo “DA SILVA” em meados de 2014 sofreu algumas mudanças, com a mudança da professora Eloisa M. Rosa para o Instituto Federal de Brasília, e o

grupo ganhou uma nova roupagem com a chegada do Professor Paulo Reis que assumira a coordenação do grupo, trazendo ainda mais propostas e inovações para o grupo mostrar seus trabalhos e a concepção coreográfica.

Continuamos o trabalho tendo aulas práticas de dança contemporânea, laboratórios de improvisação, visando várias problemáticas que afligem a sociedade como a autoafirmação da mulher, a intolerância de gêneros, o preconceito racial, dentre outros fatores que impedem uma sociedade da libertação de suas amarras.



Arquivo pessoal

Imagem 04: “Coreografia Para não dançar”

Dentre os trabalhos elaborados, destaca-se o trabalho apresentado à comunidade que foi concebida através de experimentações corporais, que despertaram a criatividade, e muito incentivo partindo do coordenador e coreógrafo do grupo, professor Paulo Reis, foi concebido a coreografia “Pra não dançar” com uma temática feminista e de gênero, como autonomia da mulher, criação e com uma pitada de humor trata de um universo em que a mulher com sua autonomia e irreverência dança e que homem também dança com um salto de 15 centímetros, as dançarinas juntamente com o coreógrafo e bailarino do grupo dançavam juntos.



Fonte: arquivos pessoais

Imagem 05: após apresentação de “coreografia para não dançar”

O Grupo inicialmente era formado por dez integrantes, só que com tantas adversidades, alguns foram se desvinculando do grupo, seja por motivos de mudança de cidade, outros pelo desgaste e a correria da faculdade, em não conseguir conciliar o projeto com a rotina de vida, o projeto foi ganhando novos integrantes e tendo uma nova roupagem, mas nunca deixando de ser atuante e persistindo na continuação do mesmo. Mas o professor que conduzia o grupo foi redistribuído para outro estado e talvez isto tenha nos desmotivado e o grupo foi perdendo força dentro da instituição.

2.2 PIBID: um leque de possibilidades na iniciação à docência.

Em meados de 2013, me submeti ao processo de seleção para fazer parte do Programa de bolsas de iniciação à docência – PIBID. Inicialmente, já tinha comigo que não passaria na seleção, pois estava grávida e certamente isso poderia implicar nesta seleção, mas foi contrário ao meu pensamento e fui selecionada em primeiro lugar na ordem de classificação, como me senti vitoriosa neste dia.

A partir daí começaram se os trabalhos as apresentações na escola, e de fato comecei a fazer parte, e assim com os planejamentos sendo preparados já percebi que ali teria muitas oportunidades, de imprimir minhas impressões, quais os projetos desenvolveria no decorrer do período que estivesse ali, quais as formas que encontraria de atingir de forma positiva estes alunos que futuramente iria trabalhar, percebendo que na posição de futura docente teria que desenvolver uma atitude, uma posição auto-reflexiva de qual meu papel na vida daqueles estudantes. Assim, poderiam exercer vários elementos de forma a aumentar seu entendimento como um “todo”.

O objetivo da educação, portanto, não constituirão na transmissão de verdades, informações, demonstrações e modelos, mas sim que o aluno compreenda por si próprio, através de experiências pessoais e subjetivas, a necessidade de conquistar as verdades através do conhecimento, construindo no decorrer do processo de vir-a-ser da pessoa humana mesmo que tenha para isso que realizar todos os tabus pressupostos por qualquer atividade real. (NANNI, 2008, p.06)

Sabendo disso, o (a) docente em sua área de atuação deve trabalhar além do intelectual, o emocional também, pois as vivências anteriores, dentro e fora da sala de aula, fazem parte do repertório de cada aluno a estes encontros. Em meu trabalho como bolsista tive a oportunidade de trabalhar diretamente com os alunos, passando pela observação, e em seguida na monitoria, na montagem de peças, esquetes, e foi a partir desta vivências que pude perceber como os alunos lidavam com as emoções, sentimentos e quais reverberam nas aulas e nas oficinas propostas para os mesmos. Assim, como está abaixo, onde foi criado uma atmosfera cênica, para a recepção dos participantes.



Fonte: arquivos pessoais

Imagem 06: oficina introdução à dança e cultura negra

No decorrer do programa pude, de fato, perceber a escola no seu contexto, suas necessidades, as problemáticas, as soluções, situações que eu mesma teria que resolver, através dos trabalhos propostos pelas professoras no período de observação que resolvi desenvolver, combinando sempre as discussões sobre raça, identidade, com diálogos com as adolescentes, em função das descobertas, de fortalecer sua identidade, que muitas vezes era podada e assim o processo se deu de uma forma que hoje ainda estando lá, me sinto como se tivesse cumprido meu dever de propiciar momentos de descobertas das meninas negras, através das oficinas e grupos formados para ensaios de teatro e de dança.

O educando com todas as suas potencialidades, capacidades a serem desenvolvidas harmonicamente e globalmente através de estímulos que articulam o pensar, sentir, agir, expressar, reagir, respeitando, entretanto, as muitas diferenças individuais (componente genético) e vendo-o como ser social atuando e recebendo influências de seu contexto é que o educador estará desenvolvendo a educação do movimento. (Nanni, 2008, p.9)

As preposições e os resultados alcançados pelos trabalhos desenvolvidos no interior do Centro de Ensino médio de Gurupi, escola parceira do subprojeto “Encenando o texto” que tem reverberado para a comunidade escolar um efeito multiplicador, inspirando os alunos a tomarem iniciativas, a montarem seus grupos

teatrais e de dança, e discutem várias temáticas, dentre elas, a diversidade, discriminação racial e o *bulling*, tão presente no âmbito escolar.

Em um gesto singelo, certo dia, um colega da graduação se aproximou e me entregou uma poesia que ficou marcada em mim, pois é profunda e retrata a realidade dos negros no mundo, desde a escravidão aos dias atuais, e dizia assim:

O Negro

Pobre diamante, Pobre diamante,
Que em trevas insondáveis se oculta,
No interior de pedra comum, pedra rude, pedra bruta.

Diamante brilhante sepultado no ventre outras rochas abundantes,
Que entre outras rochas o conduz,
Mergulhado na escuridão, porém banhado de luz.

Rocha cuspida e pisada,
Desprezada por idiotas que se julgam os tais e acham que sabem tudo,
Mas se enganam com a aparência do frasco e não examinam o conteúdo.

Humilhado Negro de alma branca terno e puro, que leva por debaixo de sua pele, tristeza e dor, por ser vítima de tão grande ignorância que confunde virtude e qualidade com cor.

Negro portador de pureza e brilho, que nas trevas do seu misterioso interior clareia e ilumina Negro que vaga na imundice do preconceito e não se contamina.

Negro que era tratado como animal de carga, na injustiça do seu cativeiro, foste livre da escravidão, agora só lhe falta libertar o branco do racismo e da discriminação.

Autor: Roberto P. da Silva

Poesia autoral que descreve a segregação e humilhação sofrida pelo povo negro no decorrer da história.

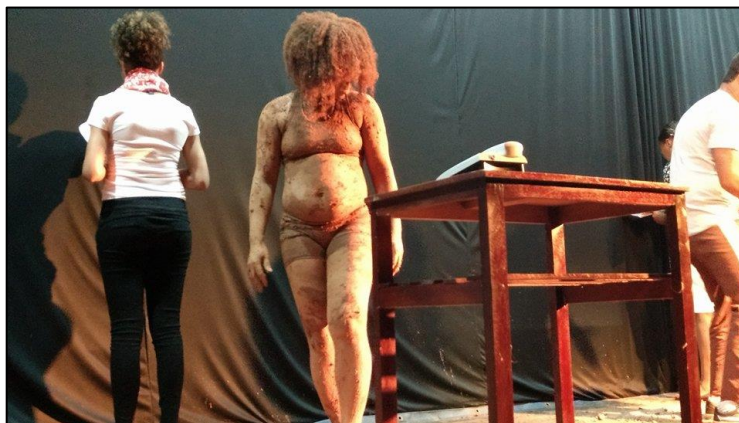
O negro em sua história foi muito discriminado e abusado no sentido de ser explorado suas forças, suas energias, ser agredido nas suas crenças onde nem mesmo podia assumir, o prejuízo é imenso, as cicatrizes estão na pele e na alma. E mesmo passado tanto tempo da escravidão, ainda ficaram as marcas que seus descendentes carregaram consigo sempre, a marca do preconceito, da

discriminação que até hoje permanece. Assim, a luta e o desafio são grandes para superar tantos obstáculos impressos na sociedade atual.

3. O TEATRO COMO LIBERTAÇÃO DAS AMARRAS E DAS COURAÇAS

O teatro tem muita importância na minha vida, pois foi através dele que me libertei, do momento que entrei para a academia, estive em contato direto com o teatro conhecendo peças, como atuar, como improvisar, as várias facetas e vertentes do Teatro, diversos autores, dramaturgos, pessoas que mudaram o cenário do teatro brasileiro como Abdias do Nascimento.

A cada personagem estudado, conseguimos nos libertar de diversas questões que vamos juntando através das vivências, como quando fiz um personagem, que perante a cena que estava sendo feita, ele era invisível, era um “Hipopótamo”, que representava as sujeiras de uma família, os problemas de falta de diálogos que foram representados através deste personagem.



Fonte: arquivos pessoais

Imagem 07: Personagem hipopótamo caminhando pelo espaço

Este trabalho foi desenvolvido pelo projeto SESC- dramaturgias⁴ em parceria com o IFTO, onde eram trabalhados textos teatrais e em seguida, uma leitura

⁴ Idealizado pelo Departamento nacional do SESC, o projeto tem como objetivo estimular a prática da leitura de textos teatrais sejam eles inéditos ou consagrados pela dramaturgia nacional e mundial. A iniciativa objetiva instrumentalizar e chamar a atenção de diretores e atores para as potencialidades cênicas de uma determinada

dramática dos mesmos e, finalmente, depois de vários ensaios, a apresentação final, com a participação de todos.



Fonte: arquivos pessoais

Imagem 08: Fala do Professor de Teatro Gil Giffony, sobre a apresentação dos trabalhos.

A construção do conhecimento acerca do Teatro foi se formando gradativamente, a partir das experiências em sala de aula, dos diálogos que iam sendo produzidos em sala, com textos lidos e debatidos. Porém, antes de ingressar no IFTO, não sabia muito bem o que era o Teatro e tinha minhas poucas percepções, mas hoje vejo que eram errôneas, pois desde o momento que os materiais teóricos foram chegando em minhas mãos fui percebendo ao certo o que era o teatro, a interpretação, o estar em cena, os jogos teatrais que são de fundamentais importância para as preliminares, para a preparação do ator em suas necessidades.

Porém a que mais se destaca foi a preparação corporal para o ator, onde aprendi, a partir da experiência com a dança, a ter postura, dedicação, comprometimento, dentro disciplina e consciência do meu corpo, e como uma negra que dança suas dores, amores e sua cor.

obra. Além de provocar a reflexão e o debate sobre a importância e o papel da dramaturgia no teatro contemporâneo.

Esse processo de descoberta desenvolveu-se ao longo do tempo, e problemas foram surgindo neste processo de construção dos meus personagens, a timidez, a espontaneidade que já não aparecia mais, mas com persistência fui me revelando e me percebendo capaz e mais centrada no trabalho que estava sendo desenvolvido.

Se vocês pretendem fazer teatro, deveriam perguntar-se: o teatro lhes é indispensável para viver? Não enquanto teatro. Não enquanto instituição e edifício e não enquanto profissão, mas enquanto grupo e lugar. Mas com certeza, pode ser indispensável para a vida se nele se procura um lugar em que não se mente consigo mesmo. Onde não nos escondemos, onde somos aqueles que somos, onde o que fazemos é assim como é, sem fingir outra coisa, portanto um lugar onde não somos divididos. (DIALOG,1972, p.10)

Um lugar, que como o autor revela, onde possamos dar o melhor de nós, mesmo que ele não nos seja indispensável, porque esse é o pensamento de quando adentramos na academia, até mesmo alguns professores arriscam dizer que viver de teatro no Brasil é muito difícil.

Podemos refletir que ainda é preciso uma transformação mais profunda na sociedade, para que perceba a grande necessidade do teatro para todos os públicos, o crescimento como cidadãos críticos e conscientes, do seu espaço no mundo, da necessidade de sair da zona de conforto, de frente a TV, do celular e enxergar um mundo além destas fronteiras. O mundo chamado teatro.

Mais do que ser definido a pela cor de pele do autor da peça, do diretor que a encena, dos atores e atrizes que a interpretam ou pela temática que se trabalha, a noção de um teatro deve levar em consideração o cruzamento expressivo dos elementos que constroem a teatralidade, das possibilidades de se discutir as questões de identidade.

É preciso incluir o exercício teatral dentre as estratégias de autoafirmação do indivíduo, da sobrevivência sócio-cultural do ator ou da atriz negra, pois é com esses estímulos que conseguimos alcançar os objetivos, que é de se assumir, assumir uma identidade negra dentro do teatro, a personalidade que não fica de fora, que todos precisamos para construir um personagem. Até porque a história não nos favorece pois, os negros não tinham autonomia. Segundo Marcos Uzel (2012, p. 44):

O racismo se estabelece pela linguagem. Nas sociedades que mantiveram com o continente africano uma relação colonialista e escravocrata, os personagens que predominaram na história do negro no teatro são o caráter subalterno, servil, pernicioso, marginal, caricatural e/ou primitivo. Em geral destituídos de protagonismo ou de conflitos, os personagens negros funcionam como estratégia reflexiva de invisibilidade e negação.

Exemplo do descontentamento com sua realidade, Abdias do Nascimento, cria, em 1944, o Teatro Experimental do Negro (TEN), promovendo uma postura inédita na história do teatro brasileiro: um conjunto de escritas de peças e papéis para atores e atrizes negras, com temáticas afrodescendentes e de valorização da raça, o elenco negro mostrava muita ousadia, técnica e qualidade artística. Algumas outras companhias vieram surgindo no Brasil desde então. Segundo UZEL (2012, p. 47): “Mesmo com o passar dos anos, a experiência do TEM continua latente na memória da militância artístico-cultural brasileira, manifestando uma influência direta ou servindo de inspiração para o surgimento de artistas e grupos. ”

Conferindo a importância de se discutir e, sobretudo, inserir no contexto das artes cênicas brasileiras a teatralidade afrodescendente, juntamente com os seus potenciais atores e atrizes que muitas vezes são mães, chefes do lar, dançarinas, atrizes, mulher negra acima de tudo, com duplas, triplas funções na sociedade em que estão inseridas e desvalorizadas.

Quanto às duplas jornadas de trabalho, e como forma de conciliar todos estes encargos que a nossa raça negra precisa se submeter, é imprescindível ressaltar que a força que tem a mulher negra faz com que ela consiga suportar tanta pressão e opressão e seguir lutando.

3.1 A personagem Rainha: da humilhação à exaltação.

Talvez a mais difícil personagem feita até hoje. Era janeiro do ano de 2016, em um almoço de domingo, sem muitas pretensões, fui convidada a participar de um concurso de rainha do carnaval que teria na cidade de Gurupi.

Um pouco insegura, mas pensando que a minha graduação em artes cênicas me ajudaria neste processo, resolvi aceitar o convite, e quando recebi o aval do meu

esposo fiquei ainda mais confiante que seria interessante participar. Era importante o incentivo e apoio dele, pois se fosse contrário, acredito que não teria aceitado por ser um respeito pela nossa relação, e no meu pensar ele não entenderia a diferença, da Claudenira para aquela personagem que precisaria criar, para tal concurso.

Talvez seja difícil para as pessoas entenderem esta diferença entre a personagem e a atriz, mas ali existia uma personagem (que as vezes se confundia com a atriz) que foi humilhada momentos antes de sua apresentação.

Novamente o *bullying* entra como referência, pois a imagem da mulher no carnaval é totalmente sensual e há uma produção forte para o enfrentamento de um concurso de beleza. Como em toda competição, há pessoas que desaprovam nossos comportamentos e nossas belezas, fazendo comparativos.

Percebia naquele momento, nos bastidores do concurso, que as demais participantes estavam rindo de canto de boca, pois a Claudenira não tinha cílios postiços, não tinha aquelas penas enormes em seus cabelos, que davam ainda mais cor e beleza para as candidatas. Cada pessoa traz suas estratégias para competir e mostrar o corpo para se tornar a rainha do carnaval.

Como eu não tinha dinheiro para comprar tais produtos caríssimos, usei da minha criatividade e de minha identidade negra, pois resolvi apostar em meu cabelo crespo bem imponente, o mais auto que eu pudesse deixar, na minha cor negra com muito óleo corporal para que pudesse brilhar ainda mais. Me senti bela, por realçar a minha tão amada cor negra (neste processo bem atual, é nítido o meu total empoderamento em relação ao meu corpo e meu cabelo, e ao meu contexto). Mas por outro lado, para disfarçar a gordura abdominal, tomei laxante passei a noite inteira no banheiro e mal conseguia parar em pé de fraqueza (tudo pela insegurança de uma barriguinha que tinha gerado dois filhos), pois o corpo é o objeto de visibilidade no carnaval brasileiro.

Pouco antes, das performances acontecerem, para a escolha da rainha do carnaval 2016, houve um sorteio, para a ordem das apresentações, e então fui a última a me apresentar, bem chateada não me restou alternativa, a não ser esperar a minha vez.

Porém, sabendo que seria a última, penso que neste momento, foi onde todo o processo de preparação para esta performance veio reverberar em minhas atitudes, como uma personagem ali naquele momento, precisava doar toda minha

força, minha energia, simpatia, desenvoltura e a dança, com samba no pé. E assim, o fiz, dancei como nunca, sambei como nunca (até porque a música parecia não ter fim), e fui a mais simpática que poderia ser, isto representando e transferindo para meu corpo e expressão facial estes atributos.

Mas não dependia só da minha autoconfiança, dependia dos jurados que estavam julgando, mas dentro de mim eu sabia que tinha sido superior na apresentação diante das outras candidatas, não desmerecendo ninguém, eram somente impressões.



Fonte: arquivos pessoais

Imagem09: no momento da performance do carnaval

Quando anunciado o resultado, fui eleita a rainha do carnaval de Gurupi 2016, e foi realmente uma grande alegria e nunca fui tão requisitada, foi um grande momento de exaltação, mas sei que também fui muito exposta, meu corpo, a apelação sexual era muito grande, pois dançávamos com biquínis, minúsculos, e em dado momento, percebia os olhares de assédio, mas nenhum abuso. Segundo o sociólogo Roberto Damatta (1997, p. 40):

No carnaval, deixamos de lado nossa sociedade hierarquizada e repressiva, e ensaiamos viver com mais liberdade e individualidade. Essa é, para mim, a dramatização que permite englobar numa só teoria, não só, os conflitos de classe (que são compensados e abrandados no carnaval), como também a invenção de um momento especial que, guarda com o cotidiano brasileiro uma relação altamente significativa e politicamente carregada.

O autor nos faz pensar que o negro tem uma posição inferiorizada, mas que nos momentos do carnaval ele consegue se destacar de alguma forma, seja pela exploração do corpo ou pela habilidade da dança. A mulher negra não se sente confortável nesta situação, pois sabemos do racismo velado que circula e permeia nestes tipos de eventos e concursos.

E assim pude conhecer de perto um mundo que ainda não conhecia, o mundo dos camarotes, de ostentações, de gastos exagerados com bebidas, a soberba, a prepotência ali ditavam as regras, e participando disso juntamente com meu esposo, tive reflexões que levo para vida inteira, como o mundo e o dinheiro corrompe as pessoas.

Talvez eu tenha me corrompido também em alguns momentos, quando aceitei o dinheiro para participar da performance, porque ali ficava claro que minha arte teria sido comprada, pois é uma prestação de serviço e, eu sido conivente com todo aquele emaranhado de situações. Retorno a DAMATTA (idem, p. 30) refletindo que “o carnaval está, portanto, junto daquelas instituições perpetuas que nos permite sentir (mais do que absolutamente conceber) nossa própria continuidade como grupo”.

Entretanto, foi um grande ensinamento, este processo do concurso, grandes vivências e superações, me deixaram forte e empoderada, mais convicta que o caminho é árduo, mas temos que ter persistência, autonomia e decisão do que queremos para a vida.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de todo o processo de formação que tenho vivenciado, marcada pelas descobertas de uma mulher negra, mãe forte, mensageira, líder, resgatando minha dignidade e identidade através das Artes, da graduação, mesmo que não tenha sido fácil chegar até aqui, aqui estou!

Com o surgimento da ideia precoce de falar de mim mesma, e minha história, pensei por instantes que não seria possível. Mas, porque não? Se minha história é a minha pesquisa, porque tinham muitas perguntas a serem respondidas, no meu processo, e quando o Professor Paulo Reis Nunes me incentivou a discutir a racialidade nas artes, a partir de minha experiência, me rendeu um grande anseio de ajudar outras mulheres e negras.

Tais mulheres, que passam por situações semelhantes a minha, que almejam entrar para uma faculdade de ensino superior, mas que a autoestima e outras problemáticas, não as deixam enxergar. Espero que este trabalho as alcance e consigam, de fato, chegarem e concluírem um curso onde se descubram, se empoderem, que possam encontrar sua identidade.

Passamos por muitas dificuldades neste processo de orientação, pois diversas vezes, tentaram pôr na minha cabeça que eu deveria ser orientada somente por professores negros; questionaram a relevância desta pesquisa e da distância geográfica da orientação, pois no percurso da escrita deste trabalho, o Professor Paulo Reis Nunes pediu redistribuição para o Instituto Federal de Goiás.

Mesmo interrompendo as atividades e pesquisa junto ao professor Paulo Reis, o grupo de dança “Da Silva”, percebo que os grupos pelos quais passei dentro do IFTO, fizeram uma grande mudança em mim, eles são de extrema importância, na vida acadêmica, pois são eles que dão oportunidades, que não teria em outro espaço, o de empregar suas impressões, suas ideias, sua criatividade, dentre outros sentimentos que são reverberados nestes encontros.

Quando estamos dentro do processo de pesquisa, torna-se fundamentalmente importante, sermos sinceros ao extremo com a nossa história, com tudo o que aconteceu neste percurso.

Finalizando este trabalho me sinto honrada com o resultado, pois não poderia ser diferente, não conseguiria deixar de falar de mim para buscar um outro assunto, sendo a minha história tão importante para as outras meninas que vão passar, ou até mesmo, estão passando por situações parecidas.

Entretanto, precisam saber que têm solução, tem luz no fim do túnel, que o melhor caminho, continua sendo pela educação, pelas Instituições públicas, que tem cotas, que trabalham para fortalecerem as políticas públicas de acesso e permanência, pois, no meu caso, sempre fui auxiliada, com esses recursos e só assim consegui permanecer no IFTO, e finalizar o curso de Licenciatura em Artes Cênicas.

Portanto, mulheres negras que consigam alcançar este trabalho, o caminho não será fácil, encontrará muitas pedras e espinhos, mas é possível ultrapassar esses obstáculos que fazem parte da caminhada e continuar seguindo em frente, talvez pense em desistir, mas lembre-se que sem luta não há vitória, e, acima de tudo, acredite em você, no seu potencial, quais os propósitos que tens na vida e seja feliz, não temas e não se deixe abater.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro** – 6ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GONÇALVES, Mateus. **Mediação: Provocações Estéticas**. São Paulo: Unesp, 2005.

GROTOWSKI, Jerzy. FLASZEN, Ludwik. BARBA, Eugenio. POLLASTRELLI, Carla. MOLINARI, Renata. **O Teatro laboratório de Jerzy Grotowski 1959 – 1969**. São Paulo: Perspectiva: SESC; Pontedera, IT: Fondazione Pontedera Teatro, 2007.

MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. In: Motriz, n.1, pag.21, 1997.

MAUSS, Marcel. **Antropologia**. Organização de Roberto Cardoso de Oliveira. São Paulo, Ática, 1979.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Autêntica, 2013.

NANNI, Dionísia. **Princípios, métodos e técnicas**. Rio de Janeiro: 5ª edição: Sprint, 2008.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um racismo mascarado** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social** – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

UZEL, Marcos. **Guerreiras do Cabaré: a mulher negra no espetáculo do Bando de Teatro Olodum**. Salvador: EDUFBA, 2012.

CAMARGO, Robson Corrêa de. **Performances da Cultura: Ensaios e diálogos** Goiânia: kelps, 2015.